UNIVERSIDADE DE SOROCABA

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS

CURSO RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ISADORA CAMARGO DE CAMPOS

A ASCENSÃO DA DIPLOMACIA DIGITAL: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO (2019 Á 2022)

SOROCABA – SÃO PAULO

2023

ISADORA CAMARGO DE CAMPOS

A ASCENSÃO DA DIPLOMACIA DIGITAL: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO (2019 Á 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Sorocaba.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Padilha

SOROCABA – SÃO PAULO

2023

ISADORA CAMARGO DE CAMPOS

A ASCENSÃO DA DIPLOMACIA DIGITAL: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO (2019 Á 2022)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para obtenção do Diploma de Graduação em Relações Internacionais da Universidade de Sorocaba.

Aprovado em: 0 5 / 1 2 / 2 0 2 3

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Fabrício Padilha

Universidade de Sorocaba (UNISO)

_____

Profª. Dra. Karina Stange Calandrin

Universidade de Sorocaba (UNISO)

_____

Profª Dra. Maria Luísa Telarolli. A. Leite

Universidade de Sorocaba (UNISO)

SOROCABA – SÃO PAULO

2023

AGRADECIMENTOS

A finalização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa não apenas o término de uma etapa acadêmica tão significativa, mas também o resultado de uma jornada repleta de aprendizados, desafios e conquistas. Neste momento especial, expresso minha profunda gratidão a todos que contribuíram para o sucesso desta empreitada, que não foi fácil e seria muito menos sem apoio de todos que tive. Gostaria de agradecer imensamente e primeiramente a Deus que me guia e me permite viver tudo de bom que a vida nos tem, cada passo dado é guiado por Ele e toda benção em meu caminho é Ele. Á minha mãe, Erika Camargo e ao meu irmão, Henrique Camargo, cujo amor incondicional e apoio constante foram à luz que iluminaram meu caminho durante toda esta jornada. Obrigado por serem minha fonte de inspiração e por acreditarem em cada passo que dei, além de me suportarem em toda etapa desde o apoio aos estudos e cursinhos para que conseguisse a bolsa integral, até a loucura do final de curso, sem vocês nada disso seria possível. À minha família e namorado, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo compreensão, estímulo e carinho. Este trabalho é dedicado a vocês, que são a base sólida da minha trajetória. Aqueles amigos que compartilharam risos, desafios e momentos de descontração ao longo dessa jornada acadêmica, meu mais sincero agradecimento, em especial á Flavia Coelho e Felipe Afonso, que foram meu braço direito, até mesmo o esquerdo e caminharam junto á mim nesses 4 anos fielmente, vocês foram a rede de apoio que tornou os dias difíceis mais leves e as vitórias mais significativas. Aos laços que fiz ao longo do curso com a Ana Carolina, Isadora Manfio, Heloísa Magalhães e Laweny, cada experiência compartilhada contribuiu para o meu crescimento pessoal e profissional. Saibam que a amizade de vocês é um tesouro que guardarei para sempre. Agradeço aos meus professores, Karina Stange, Maria Luisa Telarolli e Fabrício Padilha, verdadeiros mentores que iluminaram meu caminho com sabedoria e conhecimento. Suas aulas instigantes, paciência e orientações foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico. Cada conselho e feedback moldaram não apenas este trabalho, mas também a minha visão de mundo. Sou imensamente grata pela dedicação de vocês em compartilhar o saber e incentivar meu crescimento.

E por último, ao meu querido pai, Andeson Scatena, que foi morar com Deus esse ano e que vem me guardando e me dando forças para seguir em frente, lembro-me das vezes em que me falava para não desistir da faculdade e que queria ir à minha formatura, hoje o senhor verá tudo ai de cima, com vista privilegiada, obrigada por permitir ser sua filha. Este é um marco significativo em minha vida, e compartilho esta conquista com todos vocês. Obrigado por fazerem parte desta trajetória e por tornarem esta realização possível. Que este seja apenas o começo de muitas outras conquistas que celebraremos juntos.

Com gratidão, Isadora Camargo.

RESUMO

A Diplomacia Digital emergiu como uma área de estudo e prática fundamental nas relações internacionais no século XXI. Este trabalho explora a interseção entre a tecnologia da informação e a diplomacia, investigando como as ferramentas digitais, as redes sociais, a comunicação online e a ciberdiplomacia, transformaram a maneira como os Estados e atores internacionais conduzem suas relações diplomáticas. O trabalho começa por examinar o contexto histórico da diplomacia e como ela evoluiu ao longo do tempo, em seguida, analisa as principais tendências da diplomacia digital, incluindo o uso de mídias sociais para a projeção de soft power, e, por fim, um estudo de caso sobre a Politica Externa do Governo Bolsonaro e a diplomacia digital.

Palavra-chave: Diplomacia. Digital. Bolsonaro. Política Externa.

ABSTRACT

Digital Diplomacy has emerged as a fundamental area of study and practice in international relations in the 21st century. This work explores the intersection between information technology and diplomacy, investigating how digital tools, social networks, online communication and cyberdiplomacy have transformed the way in which States and international actors conduct their diplomatic relations. The work begins by examining the historical context of diplomacy and how it has evolved over time, then analyzes the main trends in digital diplomacy, including the use of social media to project soft power, and, finally, a study case study on the Bolsonaro Government's Foreign Policy and digital diplomacy.

Keyword: Diplomacy. Digital. Bolsonaro. Foreign Policy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **1**

1. DIPLOMACIA DIGITAL **2**

1.1 HISTÓRICO DA DIPLOMACIA 2

1.2 COMO FUNCIONA A DIPLOMACIA DIGITAL EM UM GOVERNO 5

1.3 SOFT POWER E DIPLOMACIA DIGITAL 7

1.4 AVANÇO DA DIPLOMACIA DIGITAL BRASILEIRA 9

2. POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO **12**

2.1 ASCENSÃO DE BOLSONARO AO GOVERNO 12

2.2 POLÍTICA EXTERNA ADOTADA NO GOVERNO DE BOLSONARO 16

3. ESTUDO DE CASO DE CONFLITO DIPLOMÁTICO ENTRE BOLSONARO E CHINA **21**

CONSIDERAÇÕES FINAIS **33**

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS **34**

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - TIPOS DE PODER DE INFLUÊNCIA 9
FIGURA 2 - TIPOS DE PODER DE INFLUÊNCIA 13
FIGURA 3- ELEIÇÕES ENTRE BOLSONARO E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA 15
FIGURA 4 - EXTRATO DE MATÉRIA DA FALA DE JAIR BOLSONARO 25
FIGURA 5 - PRESIDENTE INSISTE QUE A CHINA É CULPADA 26
FIGURA 6 - EXTRATO DE MATÉRIA 27
FIGURA 7 - BOLSONARO AGRADECE TRUMP 30
FIGURA 8 - BOLSONARO REBATE FALA DE MACRON 31

GRÁFICO 1 - ACEITAÇÃO DO GOVERNO DE BOLSONARO 14

INTRODUÇÃO

A diplomacia digital é emergente e cada vez mais relevante da diplomacia internacional no mundo contemporâneo. À medida que a tecnologia da informação e a comunicação digital se tornaram onipresentes em nossas vidas, elas também se tornaram instrumentos poderosos nas mãos dos governos e atores não estatais para conduzir relações internacionais, promover interesses nacionais e resolver disputas globais.

Essa forma de diplomacia vai além das reuniões tradicionais de embaixadores e negociações de tratados, adotando uma abordagem mais aberta e transparente, baseada na utilização de ferramentas digitais, redes sociais, diplomacia pública online e até mesmo ciberdiplomacia. Neste contexto, exploraremos como a diplomacia digital está moldando as relações internacionais e influenciando a política global. Será dividido em um breve histórico e na sequência um estudo acerca do governo brasileiro de Jair Bolsonaro.

Jair Messias Bolsonaro é um político que tem chamado a atenção de todo o mundo não apenas por sua postura firme e polêmica, mas também por sua habilidade em utilizar as mídias digitais como uma ferramenta poderosa para se comunicar com seus apoiadores e críticos.

No entanto, sua presença online não se limita apenas à disseminação de informações políticas; Bolsonaro também se envolveu em conflitos significativos com uma das maiores potências globais, a China, o que gerou preocupações e debates em âmbito internacional. Neste contexto, exploraremos como o presidente brasileiro tem empregado as mídias digitais como uma ferramenta de influência e como esses atritos com a China têm impactado suas relações diplomáticas e políticas.

1. DIPLOMACIA DIGITAL

O capítulo I da pesquisa tem a finalidade de analisar o que é diplomacia digital, mas, iniciando de um breve histórico acerca da diplomacia em termos gerais. A diplomacia é a prática de conduzir relações internacionais entre nações. Enquanto a diplomacia digital é uma extensão desse processo que utiliza tecnologias digitais, como a internet e as mídias sociais, para melhorar a comunicação e o alcance das mensagens diplomáticas em uma escala global. Ela é usada para promover interesses nacionais, resolver conflitos, estabelecer acordos e coordenar ações em questões globais. A diplomacia digital é uma evolução importante na diplomacia tradicional devido ao uso das tecnologias digitais[1].

1.1 HISTÓRICO DA DIPLOMACIA

Segundo Rolo (2016) a diplomacia digital está atrelada a diplomacia de forma global.

> O que conhecemos hoje em dia como Diplomacia é o resultado de um longo percurso evolutivo – desde o seu nascimento ao seu estado atual - que acompanha as transformações da sociedade ao longo dos tempos, adaptando-se assim às várias realidades que se apresenta. (ROLO, 2016, P.8)

A fala acima se refere à tecnologia e a Web como um todo as considerando como inovações necessárias para os relacionamentos interpessoais, no entanto, com a ética na utilização dessas fontes. Historicamente, a prática da diplomacia é associada a própria formação dos Estados Modernos, também conhecidos como Estados soberanos no estilo Vestefaliano. Ambos, o Estado e a Diplomacia, cresceram de forma paralela após o declínio da Idade Média, encontrando na Itália

[1] GOÉS, Eduardo K. A diplomacia digital e seu uso pelo Ministério das relações internacionais, disponível em https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498489143_ARQUIVO_ArtigoABRI2017-DiplomaciaDigital-EduardoKraemerGoes.pdf

Renascentista um ambiente propício para estabelecerem raízes sólidas. (ROLO, 2016).

No décimo oitavo capítulo do livro “A Evolução da Sociedade Internacional", Adam Watson aborda profundamente a ideia do equilíbrio de poder dentro do contexto europeu, ilustrando isso através do exemplo do Acordo de Utrecht em 1714. Watson realça como esse acordo representou uma tentativa de prevenir o surgimento de uma potência dominante na Europa, um tema central no debate sobre o equilíbrio de poder. Ele também destaca o impacto do Iluminismo nas formas de governança, marcando uma mudança significativa do absolutismo para um governo mais focado no bem-estar do povo. Essa análise de Watson revela a complexidade e a importância das relações de poder e diplomacia na história europeia. (WATSON, 2004).

De início a diplomacia, segundo Rolo (2016) era prestada pela figura do Embaixador, mas, era voltado a administração dos recursos humanos, ou seja, reis e governos tinham um funcionário que fazia a ponte nas negociações verbais com os demais. O embaixador tinha, portanto, múltiplas funções.

Segundo Boira (2013):

> O Embaixador, que representava assim o seu rei e não o seu país, podia ele mesmo contratar, pagar e despedir os seus colaboradores de forma totalmente independente. As funções do diplomata variavam ainda consoante as ocasiões. Ora assumia uma posição de informador e observador, ora se encontrava em situações de espionagem ou intrigas, tanto podia apoiar os aliados do seu governo como podia também corrompê-los (Boira et al.,2013: 76-77).

Nota-se que não havia função clara dos diplomatas antigos, eles, ora apoiavam o seu governo, ora faziam com que ficasse mal visto. Os embaixadores desempenharam papéis importantes em várias civilizações antigas, como os romanos, gregos e chineses, e eram comuns em impérios medievais e renascentistas, como o Império Otomano e a Europa Ocidental. A prática de enviar embaixadores para representar um governo em outro país tornou-se mais formalizada e

organizada à medida que as nações-estado modernas se desenvolveram durante os séculos XVI e XVII.

Neves afirma o seguinte:

> Diplomacia é um termo ambíguo. Usa-se muitas vezes para designar a política internacional, a política externa ou até para designar atitudes comportamentais, como a cortesia ou a habilidade – na versão mais amável. (Neves, 2014: 25)

Embora possa ter diferentes interpretações o termo chamado diplomacia, em sentido das relações nacionais e internacionais, compreende-se que tem o papel de intermediar os países de origem nos países de destino e isso se fez mais presente quando houve grande migração entre os países. Manter a diplomacia global envolve ter representantes legais que possam mediar negociações e até mesmo direitos dos povos de origem em outros países.

A diplomacia envolve a habilidade de representar, negociar, salvaguardar e impulsionar os interesses de uma nação em face de outras nações, conforme estabelecido na Convenção de Viena sobre Relações Diplomáticas. Ela é considerada uma ocupação especializada na qual as dimensões culturais e comunicativas desempenham um papel fundamental nas interações (SÁNCHEZ, 2014).

Já, a diplomacia digital é um termo relativamente recente que se refere ao uso de tecnologias digitais e mídias sociais no contexto das relações internacionais e diplomáticas. Ela surgiu nos últimos anos, principalmente com o aumento da conectividade global e o avanço da tecnologia da informação e comunicação. (ROLO, 2016).

Embora não seja possível determinar uma data exata para o surgimento da diplomacia digital, ela se tornou mais proeminente a partir do início do século XXI, à medida que governos e organizações internacionais começaram a reconhecer o potencial das plataformas online para a promoção de seus interesses e a comunicação com públicos internacionais. Rolo (2016) afirma que alguns eventos e marcos podem ser atrelados ao desenvolvimento da diplomacia digital, entre os quais estão:

a) O aumento do uso de mídias sociais por líderes políticos e diplomatas para se comunicarem diretamente com o público e outros líderes globais.

b) O uso de plataformas como o Twitter e o Facebook para divulgar informações sobre políticas, anúncios importantes e posicionar-se em questões internacionais.

c) A realização de cúpulas e conferências virtuais, que permitem a participação de líderes de todo o mundo sem a necessidade de deslocamento físico.

d) A disseminação de informações sobre crises humanitárias e questões globais por meio de campanhas online e mobilização de opinião pública.

e) A crescente importância da cibersegurança e da diplomacia cibernética na proteção dos interesses nacionais.

Rolo (2016) salienta ainda que a diplomacia no âmbito virtual é uma resposta à crescente influência das tecnologias digitais em nossa vida cotidiana e nas relações internacionais, e seu desenvolvimento continua a evoluir à medida que a tecnologia avança e novas oportunidades e desafios surgem.

1.2 COMO FUNCIONA A DIPLOMACIA DIGITAL EM UM GOVERNO

Em Manor (2017), são apresentadas duas abordagens distintas em relação ao tema chamado como diplomacia digital. A primeira argumenta que a diplomacia digital consiste na utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para conduzir a diplomacia pública. Por outro lado, a segunda perspectiva destaca que a diplomacia digital se trata de uma expansão das oportunidades de interação, possibilitando uma comunicação bidirecional entre o corpo diplomático e diversos públicos, não se limitando apenas à diplomacia pública. Essa citação insta que a diplomacia digital poderia ser formulada como o aumento do uso de TICs e plataformas de mídia

social por um país, com o objetivo de alcançar seus objetivos de política externa e promover a diplomacia pública.

Como pode ser visto na citação acima os dois tipos de diplomacia na verdade estão associados, a diplomacia em que países mentem relacionamentos entre si. Neste sentido a diplomacia enquanto apoio do serviço público no uso das tecnologias. Em ambos os casos, é uma ferramenta que ajuda a tirar melhor proveito das redes midiáticas, sempre mantendo um comportamento ético na utilização.

Karns (2013) também traz sua contribuição para o termo diplomacia digital no campo de governos, em que diz o seguinte:

> A diplomacia digital seria mais horizontal e interativa do que a diplomacia tradicional, estabelecendo comunicação tanto entre cidadãos e governos; governos e audiência externa (diplomacia pública); e entre governos, sendo complementada eventualmente com a participação de atores não-estatais nessas interações, tais como organizações internacionais ou ONGs (KARNS, 2013)

Ao afirmar que a diplomacia digital seria mais horizontal e interativa do que a diplomacia tradicional significa que a diplomacia digital envolve uma abordagem mais igualitária e colaborativa em comparação com a diplomacia tradicional. Em vez de seguir uma hierarquia rígida, a diplomacia digital permite que diferentes atores se envolvam de maneira mais direta e participativa nas discussões e negociações internacionais.

Outro ponto relevante de Karns (2013) é que diplomacia digital facilita a comunicação direta entre os cidadãos e os governos. Isso pode ocorrer por meio de plataformas de mídia social, petições online, fóruns de discussão e outras formas de interação online. Os cidadãos têm a oportunidade de expressar suas opiniões e preocupações diretamente aos governos.

A diplomacia digital permite ainda que os governos se comuniquem com audiências externas, como cidadãos de outros países, organizações estrangeiras e o público em geral. Isso é conhecido como "diplomacia pública" e é realizado por meio de canais

de comunicação online, como websites governamentais, redes sociais e blogs.

Junte-se a isso, Karns (2013) salienta ainda que diplomacia digital também facilita as comunicações diretas entre governos, podendo envolver a participação de atores não-estatais, como organizações internacionais (como a ONU) e organizações não governamentais (ONGs). Isso significa que essas entidades também podem usar a diplomacia digital para influenciar questões internacionais, compartilhar informações e buscar soluções para problemas globais.

Segundo Sanchez (2014, p. 7):

> A internet e as novas mídias representam então, uma nova transformação da atividade diplomática tradicional, cujas principais funções foram alteradas pela comunicação internacional, mídia digital e diplomacia em tempo real. As redes sociais e a influência digital estenderam a ideia de poder a novas áreas de relacionamento e afetaram a agenda pública, o ativismo e a participação política na arena internacional

Compreende-se então que quanto mais aumenta a utilização das tecnologias tanto mais está presente a diplomacia digital, e, visa influenciar opiniões via uso das tecnologias, tal qual ocorre nas redes sociais. Mas, isso deve ser feito seguindo uma norma ética correta.

1.3 SOFT POWER E DIPLOMACIA DIGITAL

No segmento do tipo de poder que a diplomacia exerceria, consideramos que a Digital também representaria uma ideia de “poder brando”, ou “soft power”, no inglês.

O termo "Soft Power" (Poder Brando) refere-se a uma forma de influência e poder que um país ou entidade exerce no cenário internacional por meio de meios não coercitivos ou militares, como cultura, diplomacia, valores, política externa, educação e atração cultural. Em contraste com o "Hard Power" (Poder Duro), que se baseia na força militar ou econômica para impor a vontade de um país, o Soft Power se concentra em persuadir e atrair outros países e atores

globais a adotar suas políticas, valores e interesses. (GUERALDI, 2008).

O Soft Power é muitas vezes percebido como uma forma mais sutil e indireta de influência, que se baseia na capacidade de um país de projetar uma imagem positiva no cenário mundial, atrair simpatia e cooperação, e ganhar apoio para suas políticas e objetivos. Isso pode ser alcançado por meio de exportação de cultura, promoção da língua, educação, ajuda humanitária, diplomacia eficaz e respeito pelos direitos humanos. (GUERALDI, 2008).

Nye (2004) afirma que:

> “soft power”, ou a habilidade de atrair, emana de três recursos: a sua cultura (em locais onde é atraente para os outros), seus valores políticos (quando eles são aceitáveis tanto no doméstico como no exterior), e sua política externa (quando é vista como legítima e tem autoridade moral) (Nye, 2004b, p.11).

A habilidade de atrair, portanto, está totalmente atrelada ao poder que um país tem, em especial cultural e economicamente, em especial se o país tem bom poder econômico e política atrativa a públicos externos. O "soft power" é a capacidade de influenciar e moldar as opiniões e preferências de outros atores internacionais por meio de atração e persuasão, em vez de coação ou coerção. (NYE, 2004).

Ainda em Nye (2004) está a afirmação de que:

> O poder de comando é manifestado pela habilidade de mudar o que os outros querem por coerção ou indução e o poder de cooptação consiste na habilidade de moldar o que os outros querem pela atração, seja pela cultura, pelos valores ideológicos ou pela habilidade de manipular a agenda política de forma que os outros falhem em expressar suas reais preferências por serem surreais (2004, p.8).

Fica claro nessa citação que existem dois tipos de poderes, aquele que oprime, que a qualquer custo precisa se mostrar mais forte e o poder que tende a melhorar mediante uma influência positiva. A imagem abaixo fala de ambos os poderes.

FIGURA 1 - TIPOS DE PODER DE INFLUÊNCIA

	Poder Bruto		**Poder Brando**	
Espectros de comportamento	**Comando**		**Cooptação**	
	Coerção 1	Indução 2	Formação da agenda 3	Atração 4
Recursos mais freqüentes	Força Pagamentos	Sanções Subornos	Instituições	Valores Cultura Políticas

Fonte: NYE, 2004

Por Poder Brando aplicado ao contexto dos relacionamentos internacionais quer dizer poder de influenciar outra região, de ser seguido, obtendo uma liderança.

O poder de uma nação pode ser em sentido bruto, no qual tenta ganhar forçando, ou formando agenda, valorizando a cultura e valores políticos. Nye (2004) descreve que o poder brando é (1) cultural, ou atração cultural; (2) valores políticos, tanto internos quanto externos; e (3) política externa, vista como legítima e com autoridade moral.

Manter o poder brando em relação a utilização da tecnologia e da diplomacia em nível digital envolve um bom planejamento estratégico, incluindo conhecimento pleno do público a ser influenciado, além disso, o país que adota essa técnica deve ser bem organizado política, financeira e culturalmente. Não se pode influenciar a menos que tenha um posicionamento bom naquilo que se propõe apresentar a outras nações ou públicos.

1.4 AVANÇO DA DIPLOMACIA DIGITAL BRASILEIRA

A Diplomacia Digital no Brasil refere-se à utilização de ferramentas e estratégias digitais no contexto das relações internacionais e da política externa do país. Essa abordagem visa promover os interesses nacionais, melhorar a imagem do Brasil no cenário internacional e estabelecer relações mais eficazes com outros países por meio das tecnologias da informação e comunicação.

A Diplomacia brasileira utiliza a Internet há bom tempo para os relacionamentos exteriores. Segundo Goés (2017):

> Com relação ao uso da Internet pelo Itamaraty, duas áreas de estudo são abordadas neste artigo, ambas de forma alguma exauridas por ele. A primeira área trata a forma como o ministério e seus braços diplomáticos (embaixadas e consulados) usam o ciberespaço, segundo o conceito de diplomacia digital adotado (diplomacia 2.0), e a segunda lida com a política de segurança envolvidas nesse uso. (GOÉS, 2017, p. 8).

Observam-se na citação acima que existe a preocupação de planejamento em relação às embaixadas e que a diplomacia 2.0 busca ser aplicada, em especial quanto à segurança das informações, até mesmo aquelas que são transmitidas.

A afirmação do período em que as mídias digitais se intensificaram, também é descrita como:

> A Revolução da Web 2.0 viabilizou uma explosão de popularidade das plataformas de mídia social, o que levou tanto à possibilidade de um aumento da conectividade digital, quanto a uma forte dependência de meios eletrônicos nas mais diversas áreas da vida dos indivíduos (SOTIRIU, 2015, p.4).

Assim como em países mais avançados com utilização de tecnologia, o Brasil também foi afetado pelo crescente uso de mídias e as notícias agora são transmitidas de forma muito mais rápida. Não existe, portanto, como pensar na administração pública interna sem a presença de recursos conectados. E, por isso Ministérios e também outras instancias diplomáticas do Brasil tem melhorado sua atuação na utilização de tais recursos.

Holmes (2015) diz também que:

> Com tamanha evolução do espaço digital, as práticas diplomáticas também passam a ter suas dinâmicas de funcionamento afetadas por essas novas tecnologias. As mídias digitais, no contexto da ascensão das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), possibilitaram que os Ministérios de Relações Exteriores dos países pudessem ser reformulados e reimaginados (HOLMES, 2015, p. 6)

Novamente existe a firmação de que os Ministérios de relações exteriores tendem a utilizar a rede, mesmo que havendo a reformulação estratégica. Goeking (2022) afirma que o impulsionador do uto de mídias na política brasileira foi na verdade a pandemia. Neste momento, o Brasil passa a ser o terceiro país a mais utilizar a Internet em seu dia a dia e conforme visto nos pleitos eleitorais, o uso foi bastante acirrado, tanto antes, quanto depois. Mas, toda produção, incluindo do Twitter, considerada uma das plataformas mais utilizadas pelo Governo Bolsonaro, requeria um plano de comunicação, ou seja, nada foi feito de forma desorganizada, havia um objetivo claro, sendo cumprido à risca no momento da transmissão das informações. As pesquisas sobre Diplomacia digital foram impulsionadas no governo Bolsonaro também, porque até então, fazia-se uso da rede social e meios midiáticos, mas, não em tão larga escala como foi visto neste período. Principalmente do Twitter, onde o presidente mais propagou informações no período da pandemia. (SANTOS, 2022).

2. POLÍTICA EXTERNA DO GOVERNO BOLSONARO

O período governamental de Jair Bolsonaro no Brasil marcou uma significativa transição na política externa do país. Sua gestão foi caracterizada por mudanças substanciais nas relações internacionais, refletindo uma abordagem marcada por alinhamentos estratégicos diferenciados, um enfoque na diplomacia bilateral e uma postura ideológica distintiva. Este capítulo busca analisar os principais elementos e diretrizes que moldaram a política externa durante o governo Bolsonaro, destacando os pontos de inflexão, as controvérsias e os impactos dessas políticas no cenário internacional.

2.1 ASCENSÃO DE BOLSONARO AO GOVERNO

Neste segundo capítulo a abordagem será sobre como ocorreu a política externa do presidente Jair Bolsonaro, analisando um pouco acerca de sua história e em seguida qual posicionamento este Presidente teve em relação a política externa.

Para poder falar de Jair Bolsonaro enquanto presidente é preciso antes de tudo lembrar que ele vem de uma carreira militar, na qual esteve até o final dos anos 1970.

Segundo Souza (2019) a entrada de Bolsonaro na atuação política foi incialmente como Vereador do Rio de Janeiro ao final dos anos 1980. Depois de pleito municipal ele passa a disputar vaga como Deputado federal.

Em 1991, ele foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, cargo para o qual foi reeleito para sete mandatos consecutivos, servindo de 1991 a 2019[2].

[2] 1991-2005: Iniciou sua carreira política filiado ao Partido Democrata Cristão (PDC), migrou para o Partido Progressista Reformador (PPR), que posteriormente se tornou o Partido Progressista Brasileiro (PPB) e, mais tarde, o Partido Progressista (PP). Bolsonaro permaneceu no PP até 2005.
2005-2016: Durante esse período, foi filiado ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) por um curto período. Posteriormente, foi para o Partido Progressista Reformador (PPR), que se fundiu ao Partido da Reedificação da Ordem Nacional (PRONA). Entretanto, com a fusão, Bolsonaro se desfiliou e ingressou no Partido Progressista (PP), onde permaneceu até 2016.
2016-2018: Nesse período, Bolsonaro se filiou ao Partido Social Cristão (PSC), pelo qual concorreu e venceu as eleições presidenciais de 2018. Fonte: https://www.camara.leg.br/deputados/74847/biografia

De acordo com Souza (2019) em 2018, Bolsonaro foi eleito o 38º Presidente do Brasil pelo Partido Social Liberal (PSL). Ele assumiu o cargo em 1 de janeiro de 2019. No pleito de 2018, a esquerda, pelo PT Partido dos trabalhadores ao qual Luiz Inácio Lula da Silva representava estava bastante enfraquecido devido aos escândalos que os envolviam. Nesse cenário havia ainda a prisão de Luiz Inácio Lula da Silva, portanto, quem concorre a eleição com Bolsonaro foi Fernando Haddad em segundo turno.

Abaixo, o quadro apresenta os resultados das eleições segundo o Tribunal Superior Eleitoral:

FIGURA 2 - TIPOS DE PODER DE INFLUÊNCIA

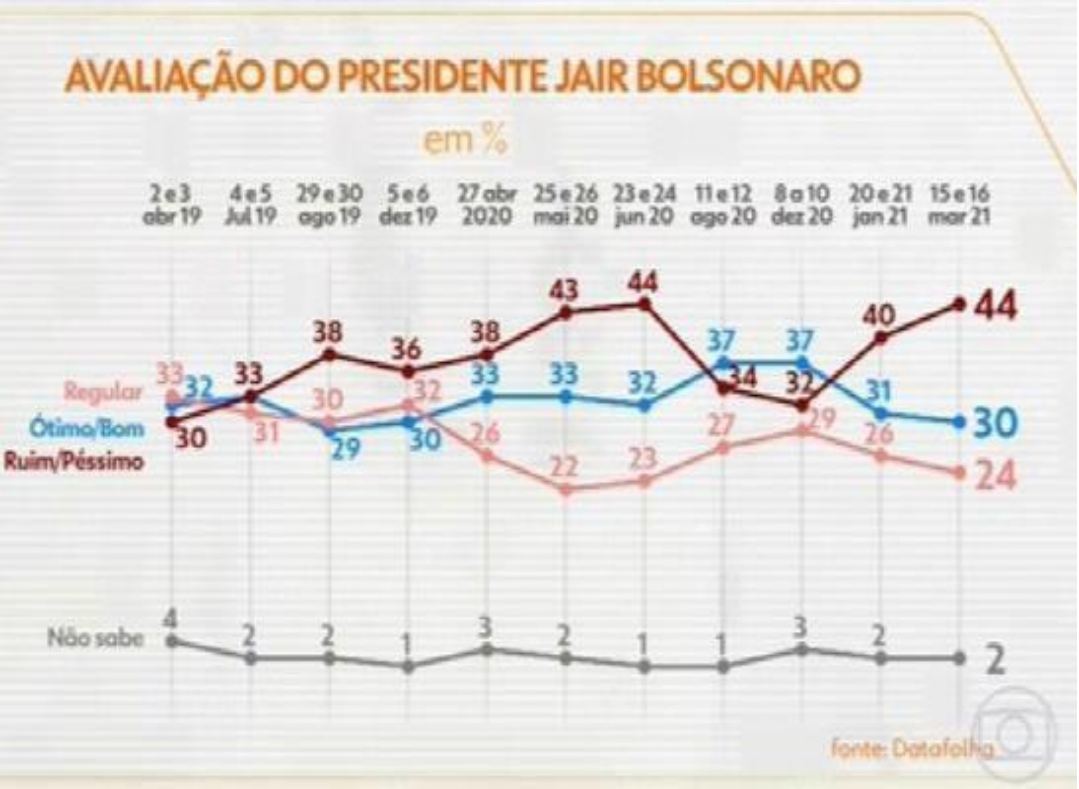
Fonte: TSE, 2018.

Segundo Souza (2019), Jair Bolsonaro também cometeu diversos erros de estratégia em relação aos ministros, especialmente o da Saúde e isso impactou negativamente em sua imagem pública. Mesmo

assim, os adeptos de Bolsonaro o apoiavam de forma unânime diante das dificuldades que o Governo sofria.

Datafolha em março de 2021 faz um levantamento da aceitação do governo de Bolsonaro, mesmo diante das dificuldades do cenário pandêmico, ele ainda mantinha bons resultados.

GRÁFICO 1 - ACEITAÇÃO DO GOVERNO DE BOLSONARO



Fonte: G1, 2021.

O gráfico acima mostra que houve alguns declínios quanto a popularidade, mas, em nível geral o que se nota é que os eleitores do ex-presidente em sua maioria ainda aprovavam seu governo. Parzianello (2020) salienta que a popularidade de Bolsonaro estava ligado ao longo trabalho sendo feito por anos consecutivos, inclusive em suas redes sociais, as quais muito ele utilizou para veicular suas opiniões pessoas, até mesmo antes de se tornar presidente do Brasil. Pesquisa CNN Brasil afirmou que:

> O presidente Jair Bolsonaro (PL) encerra o seu governo com 39% de brasileiros que consideram sua gestão boa ou ótima e 37% que o consideram ruim ou péssimo, de acordo com pesquisa do Datafolha. Cerca de 24% consideram que a gestão do governo foi regular e 1% não opinou.

De posse dessa aceitação o então presidente decide novamente se candidatar ao pleito de reeleição. No entanto, nessa nova jornada o então ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva já estava elegível, sendo ele a concorrer com Jair Bolsonaro.

Diante deste novo contexto, por uma margem pequena de votos, Bolsonaro fica na história como primeiro presidente a não ser reeleito após a recondução de mandatos consecutivos no Brasil.

FIGURA 3- ELEIÇÕES ENTRE BOLSONARO E LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fonte: Tribunal Superior eleitoral, 2018

Pode ser notado no post acima que a diferença foi pequena e principalmente se comparado ao ano em que Bolsonaro foi eleito, que a margem com Haddad mostrou-se bem diferente[3]. Apesar de deixar a cadeira presidencial o que se observa nas redes sociais é que Bolsonaro adota uma posição de continuada campanha política, sem deixar-se abater pela recente derrota em relação ao último pleito eleitoral.

2.2 POLÍTICA EXTERNA ADOTADA NO GOVERNO DE BOLSONARO

Para compreender um pouco da política externa de Jair Bolsonaro é preciso antes de tudo conhecer um pouco do que ocorria no Brasil em relação a presidentes anteriores.

O Brasil historicamente deu grande importância a organizações multilaterais como as Nações Unidas, a Organização Mundial do Comércio e outros fóruns. A participação ativa nesses espaços visava reforçar o sistema multilateral baseado em regras e a busca de reformas em algumas dessas instituições para refletir melhor a realidade geopolítica global. Lima, Ferreira, e Silva (2023) afirmam ainda que durante as presidências de Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (2011-2016), a diplomacia brasileira enfatizou a cooperação entre os países em desenvolvimento, também conhecida como cooperação Sul-Sul. Isso incluía o fortalecimento de relações com a África, o Oriente Médio e a Ásia.

Junte-se a isso o Brasil desempenhou um papel ativo no fortalecimento de organizações regionais como o MERCOSUL (Mercado Comum do Sul) e a UNASUL (União de Nações Sul-Americanas). A integração regional era vista como essencial para a promoção da estabilidade e do desenvolvimento na América do Sul.

Outro ponto relevante é que Lima, Ferreira, e Silva (2023) afirmam ainda que havia no Brasil o princípio de não-intervenção nos

[3] Resultado da apuração de votos do segundo turno entre Jair Bolsonaro e Fernando Haddad: Bolsonaro é eleito com 55,13% de votos comparado á 44,87% de votos que Haddad obteve. Fonte: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/apuracao/presidente.ghtml

assuntos internos de outros países e isso foi uma constante na política externa brasileira.

O que podia ser notado até o momento do Governo Bolsonaro era que adeptos do pensamento institucional pragmático, frequentemente vinculados ao PSDB no Brasil, eram proponentes de uma abordagem cautelosa e controlada na liberalização da economia do país. Essa facção política via na aderência do Brasil às convenções dos sistemas liberais globais uma estratégia vantajosa, considerando as normas da política mundial como ferramentas úteis para fomentar o avanço econômico brasileiro. Eles acreditavam que a independência do país poderia ser mantida mesmo com uma integração ativa nas instituições internacionais, contribuindo de forma positiva para sustentar e reforçar o sistema global vigente. Em contraposição, o grupo dos autonomistas defendia uma aproximação estratégica do Brasil com outras nações emergentes ou menos desenvolvidas, especialmente do Sul global, para formar um contrapeso ao domínio das nações ocidentais já estabelecidas. Esta abordagem, longe de buscar o confronto, priorizava a soberania nacional, o universalismo e um envolvimento ativo do Brasil nos assuntos internacionais, conforme Saraiva descreveu em 2010. Este grupo não propunha um questionamento direto ao status quo, mas sim uma adaptação nas formas de aplicação prática das regras e diretrizes internacionais. Eles viam nas alianças com outras nações emergentes um meio de potencializar a influência brasileira, buscando simultaneamente uma liderança individual no cenário global e o reforço de sua participação em ações coletivas internacionais. (SARAIVA E ALBUQUERQUE, 2022).

Já o governo de Jair Messias Bolsonaro tinha uma forte influência de Olavo de Carvalho e o Ministro das relações exteriores nomeado foi Ernesto Araújo, justamente por ter sido “educado” pela forma de pensar do Olavo de Fiori (2020) afirma que isso muda algumas relações de investimento no Brasil:

> [...] não havendo nenhuma expectativa de reversão dessa tendência que, pelo contrário, deve piorar ainda mais. Por tanto, até agora, a nova vassalagem militar do Brasil não

> trouxe nenhuma vantagem econômica, nem de mercados abertos nem de investimentos" (FIORI, 2020, p. 11).

Segundo a pesquisa de Fiori (2020) a atitude de Bolsonaro em apoio estratégico aos Estados Unidos traz perdas e não necessariamente ganho financeiro. De acordo ainda com Fiori (2020) em apenas 12 meses dobra a saída de investidores internacionais do Brasil, mostrando que a decisão de intervir em assuntos internacionais, que até então não estavam presentes nas gestões brasileiras fez com que o Brasil pagasse um preço.

Durante a administração Bolsonaro, muitos especialistas em Relações Internacionais veem a política externa do país como alinhada com os EUA. A socióloga Graciela Rodriguez ressalta que a aproximação do Brasil com os EUA está fundamentada nas diretrizes estatais e econômicas ligadas à financeirização do capital. A citação da autora Rodriguez está abaixo descrita:

> Esse jogo também inclui uma aliança subordinada aos capitais internacionais e, em particular, aos tradicionais capitais norte-americanos dominantes na região e suas empresas transnacionais com substanciais interesses no país. Retomar, assim, esse tradicional eixo de alinhamento da diplomacia brasileira com os interesses dos EUA, provisoriamente deslocado por um maior distanciamento de prioridades promovido pelos governos Lula e Dilma, tornou-se agora ponto fundamental da nova política externa brasileira (RODRIGUEZ, 2020, p. 2-3)

Observa-se na fala acima que ao passo que a esquerda, governos anteriores, mantiveram certo distanciamento com os Estados Unidos, o governo de Jair Bolsonaro se aproxima. O Brasil também inicia um processo de facilitar negociações com os Estados Unidos, ou seja, fortalecendo ainda mais este núcleo econômico. (JUNIOR, 2019, P. 09).

As políticas ambientais de Bolsonaro, segundo Rodriquez (2020) também deixam a desejar, uma vez que o maior patrimônio do Brasil tem órgãos de apoio a cuidados ambientais extinguidos e o desmatamento se intensifica no mandato do então presidente.

Uma mudança no governo foi que a China também cortou algumas relações comerciais, então, se por um lado à aliança com os Estados Unidos segundo o presidente poderia trazer resultados, por outro, ocasionou conflitos com a segunda maior potência econômica.

Lima, Ferreira e Silva (2023, p. 7) citam isso da seguinte forma:

> Durante o governo Bolsonaro, a China fez um embargo à carne bovina, um dos produtos da pauta de exportação brasileira, e à época já investia em produtos e mercados alternativos ao brasileiro. Isso indicava que o Brasil poderia ter sérios problemas comerciais a médio e longo prazo, pois tem como característica a produção especializada em commodities agrícolas e minerais, e estes produtos podem ser comprados pela China de outros produtores.

Evidentemente que ao decidir apoio a um dos grandes núcleos econômicos o presidente teria sem dúvida alguma a resposta do outro e por isso, mudar de forma repentina a forma de relacionar-se externamente não se mostrou muito vantajosa ao Brasil durante o governo de Bolsonaro.

Rodrigues et al (2021) afirma que nos direitos humanos também houveram diversas brechas no relacionamento internacional:

> Dentre embates verbais e votações que colocaram o Brasil "no outro lado", com insólita e fiel atuação da representante do país em Genebra, cabe destacar as ofensas de Bolsonaro à Alta Comissária de Direitos Humanos, a ex-presidente do Chile Michelle Bachellet, após a divulgação de relatório negativo sobre os DH no país, as quais geraram consternação na esquerda e na direita chilenas, e mereceram repúdio do próprio Presidente Sebastián Piñera –aliado de Bolsonaro. Outro evento desconstrutivo foi a resolução contra Israel pela ocupação das Colinas do Golã e de territórios palestinos, em que o Brasil se alinhou a Israel. E como estratégia principal da PEB de ultradireita, destaca-se a eliminação da palavra "gênero" do léxico diplomático brasileiro, alimentada pelo combate ao que Bolsonaro e seu chanceler definem como "ideologia de gênero" (leiam-se direitos e políticas para as mulheres e a comunidade LGBTI). Em contrapartida, articulam uma coalizão de países pela família, de corte "terrivelmente evangélico", violando a essência do Estado laico. (RODRIGUES et al., 2021, p. 95

Segundo a citação acima ideologia e fundamentalismo passaram a fazer parte da administração do Brasil, mas, segundo o estudo, não

era apenas internamente, mas, também dando opiniões acerca do que ocorria em nível internacional, o que, conforme citado, até então não ocorria no Brasil, o qual se detinha a firmar parcerias e consolidar a economia nacional.

Portanto, constata-se que a política externa adotada por Bolsonaro não trouxe vantagens ao Brasil. Logo crença de que o alinhamento automático resulta em benefícios econômicos, políticos, militares e diplomáticos tem provado ser prejudicial para a nação. Esta postura de alinhamento e submissão afetou negativamente o comércio brasileiro, transformando-o quase em um protetorado militar dos EUA, conforme expõe José Luís Fiori (2020b) no seu artigo “O contrato de vassalagem dos militares”.

3. ESTUDO DE CASO DE CONFLITO DIPLOMÁTICO ENTRE BOLSONARO E CHINA

Neste capítulo, propõe-se uma análise detalhada e contextualizada da postura e comunicações públicas do presidente Jair Bolsonaro, tanto em suas declarações na plataforma do Twitter quanto em suas manifestações na imprensa, com o intuito de examinar os possíveis impactos sobre a ética e a diplomacia digital. O estudo será direcionado especificamente para sua relação com a China, um dos parceiros comerciais de maior relevância para o Brasil. A abordagem se concentrará em identificar e avaliar o teor das mensagens veiculadas, considerando a influência dessas declarações no ambiente digital, bem como seu potencial para comprometer as relações diplomáticas bilaterais entre Brasil e China.

Antes mesmo de assumir a presidência do Brasil, Jair Messias Bolsonaro já atraía atenção devido a seus comentários polêmicos e ao seu impacto nas redes sociais. O então candidato à presidência, que adotava uma postura semelhante à de um influenciador digital, se posicionava como um estranho no mundo político e tinha como pilares fundamentais o conservadorismo, o cristianismo e uma estreita relação com as Forças Armadas.

Além disso, ele criticava a gestão dos governos anteriores e propunha mudanças em diversos setores das políticas públicas, incluindo a abordagem do Brasil em relação a outros países. (LIMA; ALBUQUERQUE, 2019, p. 116).

As redes sociais foram estrategicamente adotadas como o principal meio de comunicação durante a campanha do candidato à presidência, Jair Bolsonaro. Mesmo com pouca exposição na televisão, o candidato conseguiu vencer as eleições, contando principalmente com as ferramentas disponíveis na internet como seu principal meio de comunicação.

A importância da comunicação digital continuou mesmo após o atentado a faca contra Bolsonaro durante um evento de campanha em Juiz de Fora, Minas Gerais. Alegando sua incapacidade de participar de debates em redes de televisão aberta, ele concentrou suas ações

em postagens regulares, especialmente no Twitter e no WhatsApp. No início de seu mandato, o presidente já tinha cerca de 3,8 milhões de seguidores somente no Twitter. (CASTILHO, 2021). A CNN Brasil ranqueou o engajamento nas redes sociais entre os políticos:

> O ex-presidente Jair Bolsonaro (PL) liderou o ranking de engajamento nas redes sociais em 2022 entre os políticos. De acordo com o Mapeamento, Análise e Perspectiva (MAP), agência de análise de mídias e dados, Bolsonaro teve 21,2% de menções no Twitter e em perfis no Facebook. Ele é seguido pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que teve 7,6% de menções, quase três vezes menos. Aliado de Lula, o deputado federal André Janones (Avante-MG) está na terceira posição, com 6,3%. (CNN BRASIL, 2023).

Bolsonaro, durante a Pandemia, utilizou canais pessoais de comunicação em ataques a China.

A pandemia de COVID-19 despertou uma variedade de teorias da conspiração que tentam esclarecer a propagação do vírus que teve um impacto global. Algumas dessas teorias conspiratórias têm como alvo a China, que é frequentemente apontada como o bode expiatório responsável pelos estragos causados pela doença. (QUINAN, ARAÚJO, ALBUQUERQUE, 2021, p.1).

Segundo Quinan, Araújo e Albuquerque (2021) O primeiro episódio de teorias conspiratórias envolvendo uma figura de destaque no governo teve como protagonista o deputado Eduardo Bolsonaro. No mesmo dia, ele fez ecoar uma série de mensagens nas redes sociais com teor preconceituoso em relação à China, além de estabelecer uma comparação entre o incidente em discussão e o desastre de Chernobyl, no Twitter pessoal do deputado, Eduado Bolsonaro, que é filho de Jair Bolsonaro, circulava a seguinte mensagem:

> Quem assistiu Chernobyl Minissérie do canal HBO vai entender o q ocorreu. Substitua a usina nuclear pelo coronavírus e a ditadura soviética pela chinesa +1 vez uma ditadura preferiu esconder algo grave a expor tendo desgaste, mas que salvaria inúmeras vidas A culpa é da China e liberdade seria a solução. (EDUARDO BOLSONARO, 2020)

Nota-se ao final da fala de Eduardo que havia uma acusação firme no tocante a China, deixando claro que ela tinha culpa sobre o vírus que agora impactava o mundo.

O caso provocou um desconforto diplomático, com o embaixador chinês, Yang Wanming, imediatamente rejeitando as declarações feitas pelo deputado Eduardo.

As retweets de Eduardo foram encontradas em várias notícias que acusavam o país de ser contrário à liberdade de expressão e questionavam o consumo de animais selvagens. Muitas dessas postagens não estavam diretamente relacionadas à pandemia, e a conexão tênue com Chernobyl levantava a necessidade de atribuir responsabilidades e consequências à China. (QUINAN, ARAÚJO, ALBUQUERQUE, 2021, p.13).

Nesse discurso, podemos observar a continuidade de teorias conspiratórias da Guerra Fria, agora retratando a China como um potencial inimigo. O antigo anticomunismo foi reformulado para estabelecer um paralelo entre a URSS e a China, refletindo o alinhamento do governo bolsonarista com o estadunidense ao reproduzir preocupações com dois oponentes econômicos, retratados como "outros" perigosos em dois momentos diferentes da história dos Estados Unidos, embora ambas as nações não tenham tido registros notáveis de tensões políticas com o Brasil. (QUINAN, ARAÚJO, ALBUQUERQUE, 2021, p.13).

Havia nas falas do presidente e dos seus seguidores, como é o caso do deputado Eduardo Bolsonaro uma escolha quanto aos Estados Unidos, o que foi observando na pesquisa feita no capítulo II, dando a compreender que ele ignora os negócios feitos até então com a China pelo antigo presidente do Brasil e mediante seus ataques a China, consolida estar do lado dos Estados Unidos, buscando uma nova política externa em seu governo.

Os canais digitais citados por Castilho (2021) foram os mais usados pelo ex-presidente e continuam sendo motivo de grande repercussão em suas falas mesmo após a não eleição no último pleito.

Mas, desde a criação, por exemplo, do Twitter de Bolsonaro, de acordo com Albuquerque (2019) existem muitas polemica nas postagens do ex-presidente, o que tem trazido muitos adeptos.

O ex-presidente Jair Bolsonaro, durante seu mandato, utilizava intensamente suas redes sociais como uma plataforma para expressar suas opiniões e promover sua agenda política. Infelizmente, em várias ocasiões, suas postagens nas redes sociais incluíam ataques diretos à China, uma das maiores economias do mundo e um parceiro comercial fundamental para o Brasil. Esses ataques causavam tensões diplomáticas e comerciais, prejudicando as relações bilaterais entre os dois países. Suas declarações muitas vezes desconsideravam a importância da diplomacia e da cooperação internacional, levantando preocupações sobre a maneira como o Brasil conduzia sua política externa durante seu governo. (ALBUQERQUE E QUINAN, 2019, p. 11).

Dentre as postagens de Jair Bolsonaro durante a Pandemia, houve a incitação de que a China poderia estar propagando o vírus:

> Sem citar nominalmente a China e sem apresentar provas, o presidente Jair Bolsonaro (sem partido) afirmou hoje que o coronavírus pode ter sido criado a partir de um vírus de "laboratório". Contrariou, dessa forma, a OMS (Organização Mundial da Saúde), que investigou as origens do coronavírus e disse que é improvável que a doença tenha surgido a partir de um vírus de laboratório — a informação foi publicada pela agência de notícia estatal do próprio governo de Jair Bolsonaro. É um vírus novo, ninguém sabe se nasceu em laboratório ou nasceu por algum ser humano ingerir um animal inadequado. Mas está aí. Os militares sabem o que é guerra química, bacteriológica e radiológica. (UOL, 2021).

A partir dessa fala que veiculou também nas redes sociais do presidente e repercutiu muito nas mídias, houve então um problema sério com a China. Isso porque segundo se compreendia, havia uma falha diplomática por parte do então presidente.

Tal postura fez com que os representantes do governo Chinês no Brasil também externassem sua postura em relação ao que era falado no momento polêmico.

FIGURA 4 - EXTRATO DE MATÉRIA DA FALA DE JAIR BOLSONARO

Fonte: UOL digital, 2021.

A partir da fala do filho, Eduardo Bolsonaro, o presidente inicia uma série de ataques verbais e escritos a China, como o que é veiculado na imagem acima.

Diante da repercussão das falas de Bolsonaro, até mesmo a Câmara dos Deputados passa a abordar o assunto dizendo no período que:

> A declaração dada nesta quarta-feira (5) pelo presidente Jair Bolsonaro, insinuando que a pandemia de coronavírus seria parte de uma "guerra biológica" chinesa e que "os militares sabem disso", teve forte repercussão na audiência da Comissão de Relações Exteriores (CRE) do Senado com o chanceler Carlos França, nesta quinta-feira (6).A presidente da CRE, Kátia Abreu (PP-TO), considerou a fala de Bolsonaro uma "acusação muito grave" e disse que "nem dormiu direito" por temer algum tipo de retaliação do governo chinês. A principal preocupação da senadora é que a grande exportação de setores de nossa economia para a China, especialmente o agronegócio, possa ser prejudicada. (AGÊNCIA DO SENADO, 2021)

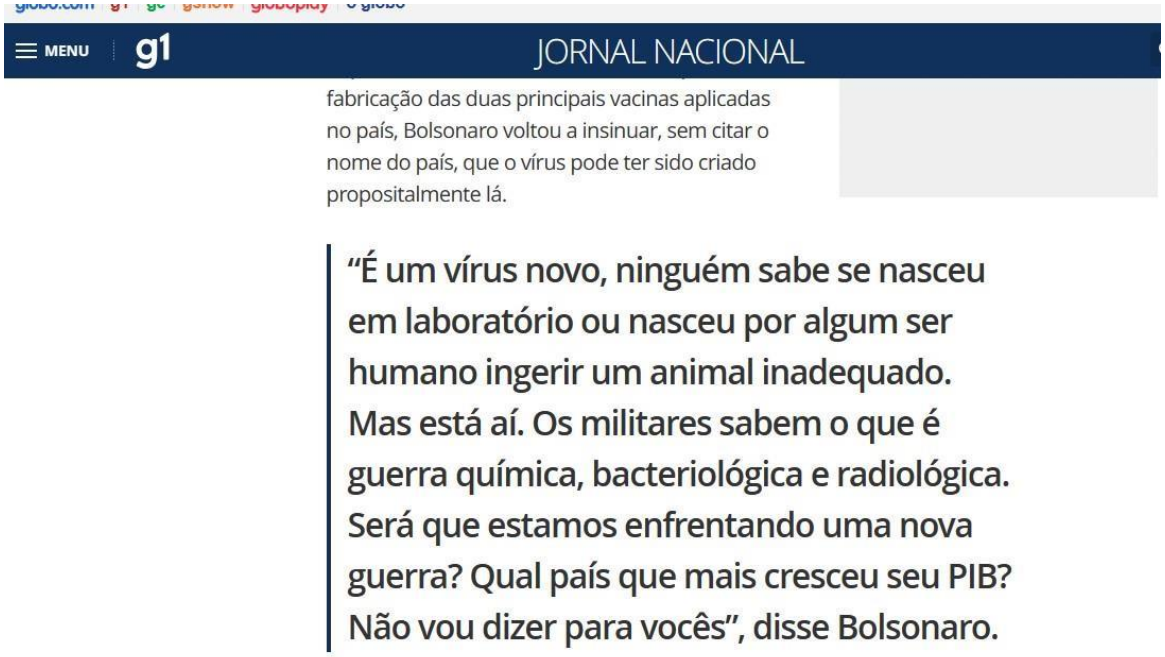
Abaixo, apresenta-se outro extrato que mostra as falas do presidente em relação a China:

FIGURA 5 - PRESIDENTE INSISTE QUE A CHINA É CULPADA

Fonte: Portal G1, 2021.

A fala do presidente, no extrato da imagem apresentada acima é a seguinte:

FIGURA 6 - EXTRATO DE MATÉRIA



Fonte: G1, 2021.

Pode ser observado claramente na fala acima que o presidente leva os leitores a refletirem sobre suposta culpa da China em relação ao Covid. As tensões políticas entre o Brasil e a China, marcadas por declarações frequentes do presidente Jair Bolsonaro e de membros de sua equipe contra a China, aparentemente não prejudicaram as relações econômicas entre os dois países no último ano, de acordo com um novo relatório do Conselho Empresarial Brasil-China (CEBC). O relatório destaca que os investimentos chineses no Brasil devem continuar e estão voltados para um "horizonte de longo prazo". (BBC NEWS, 2021).

Além disso, apesar das críticas públicas ao governo chinês, as ações concretas do governo brasileiro pareciam indicar uma continuidade maior do que uma ruptura nas relações bilaterais. Isso é evidenciado pelo documento chamado "Investimentos chineses no Brasil: histórico, tendências e desafios globais (2007-2020)", que é o estudo mais abrangente já realizado sobre o assunto.

Tulio Cariello, diretor de Conteúdo e Pesquisa do CEBC e autor do relatório, enfatiza que "os investimentos chineses no Brasil têm uma perspectiva de longo prazo, o que reflete a estratégia da China. Governos podem mudar ao longo do tempo, mas o que realmente importa é a manutenção de uma relação harmoniosa entre os dois países, que já perdura há muito tempo e historicamente tem sido livre de conflitos". Mas, mesmo sabendo que a China havia ultrapassado os Estados Unidos e se tornado a principal parceira do Brasil, ainda assim, Bolsonaro pelas instigações em rede social provocou a asiática e manteve aproximação com os Estados Unidos. (BBC, 2021).

Se, por um lado o uso de mídia social cria tensões diplomáticas, por outro lado elas são relevantes para disseminação de notícias e também para que a opinião das pessoas sejam ouvidas.

> A grande novidade da tecnologia digital é uma plataforma de comunicação de duas vias, onde os participantes não são meros receptores das mensagens, mas podem transmitir suas ideias propiciando um espaço para o debate público de questões privadas e públicas (MAGRANI, 2014, p. 4).

Embora Bolsonaro expusesse seu ponto de vista, utilizando plataformas como Twitter ele possibilitava também o direito a resposta, isso quer dizer que tanto seus seguidores, como não seguidores, poderiam se posicionar acerca do que era falado. Este agir de forma a possibilitar a fala dos dois lados é conhecido como democratização social. Segundo Mariz (2018) a internet e seus recursos de comunicação são fundamentais na gestão pública, porém, essa comunicação não deve ser vaga, como ocorreu no governo de Bolsonaro, mas, sim, fundada em princípios de ética.

De acordo com Azeredo (2021) o Twitter é um dos principais canais utilizados por Jair Bolsonaro e em seu período de governo, ele sempre postava voltado a figuras públicas brasileiras, não raro atacando a Justiça e seus representantes, demonstrando com isso falta de ética em relação a comunicação.

Não somente o Presidente utilizava mídias de forma a causar conflitos interpessoais, mas, também seu filho Eduardo Bolsonaro e

outros aliados políticos, todos na qualidade de representantes do governo:

> Depois das declarações preocupantes feitas por Eduardo Bolsonaro em relação às relações entre o Brasil e a China, uma nova polêmica surgiu devido a uma afirmação feita por um membro importante do governo Bolsonaro. Agora, o Ministro da Educação, Abraham Weintraub, deu a entender que o governo chinês estava aproveitando a pandemia para impulsionar seu crescimento econômico. Em uma rede social, o ministro usou de forma desrespeitosa o personagem infantil Cebolinha3 para zombar do sotaque chinês. Essa nova declaração gerou uma reação imediata, com pedidos de retratação, e o governo chinês deixou claro que tais declarações poderiam prejudicar as relações entre os dois países (Exame, 2020).

A citação acima mostra que houve diversos desacertos diplomáticos e que aquilo que foi escrito em redes sociais, sem dúvida alguma criou conflitos, especialmente com a China. Em sentido democrático a mídia digital tem o papel de informar e não meramente criar polemicas.

> Qualquer político ou militância política deve utilizar redes sociais para se comunicar. Mas é necessário estar atento. Quando não existe uma conversa direta e apenas relatos e publicações nas redes sociais, os parlamentares podem entender que ele dá recados e que não negocia o que é um ponto perigoso; (OLIVEIRA apud MARIZ, 2018)

O relato sobre a questão da disseminação da Pandemia, foi apenas uma insinuação sem provas pelo então presidente da república e caso a China não tivesse a maturidade estratégica que possui, certamente relações seriam cortadas naquele momento.

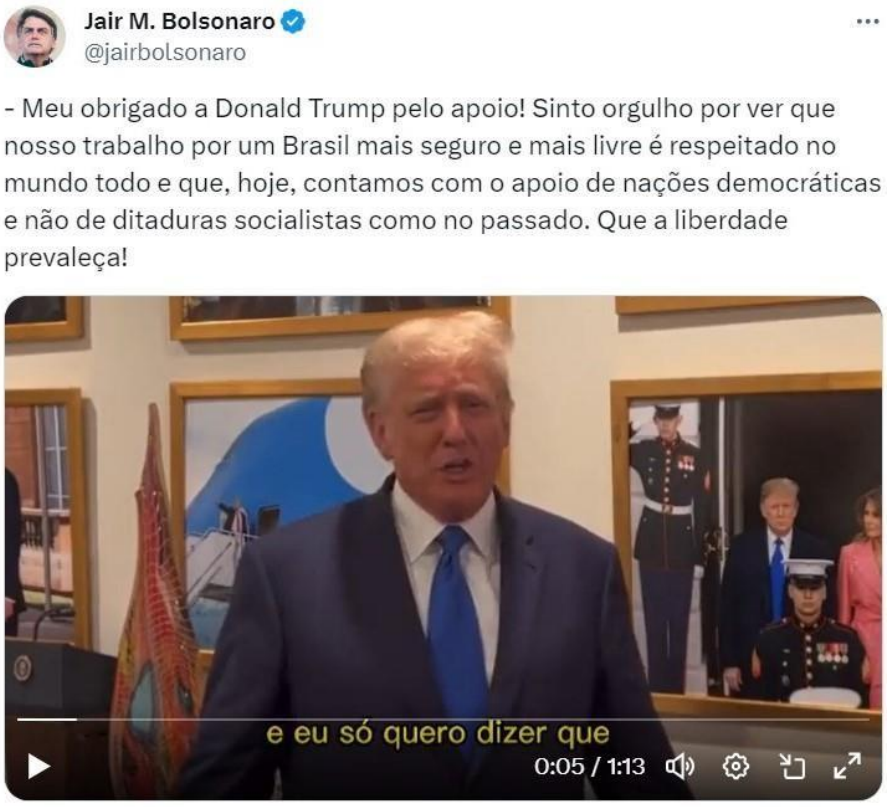
De acordo com Mariz (2018) o modelo midiático criado por Jair Bolsonaro já vinha sendo utilizado pelo presidente dos Estados Unidos, que, conforme pode ser visto nessa pesquisa até o momento, tornou-se um dos maiores aliados do mesmo depois de distanciamento com a China.

O primeiro ano do governo Bolsonaro no Brasil atraiu grande atenção internacional devido a uma mudança drástica na política externa. O país reconfigurou suas principais alianças no cenário global, alterou seu posicionamento em relação ao meio ambiente e entrou em

conflito com líderes da França e Alemanha. Além disso, Bolsonaro sempre deixou claro seu apreço por Trump, e isso se refletiu nas políticas de alinhamento com os Estados Unidos, adotando várias medidas ao longo de 2019.

Uma das mais significativas foi a renúncia ao tratamento especial concedido pela Organização Mundial do Comércio (OMC), atendendo a uma exigência do governo americano como parte do apoio ao pleito do Brasil para ingressar na Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (BBC NEWS BRASIL, 2020).

FIGURA 7 - BOLSONARO AGRADECE TRUMP



Fonte: Twitter, 2022.

A imagem acima é uma fala do presidente, um agradecimento, que, tendo em vista os ataques a China, também utiliza as redes para mostrar sua solidariedade a Trump. Fica claro ainda o posicionamento estratégico internacional do então presidente Jair Bolsonaro.

FIGURA 8 - BOLSONARO REBATE FALA DE MACRON

Fonte: Twitter, 2019.

O post acima mostra o ex-presidente rebatendo o presidente da França após uma fala no qual ele está se posicionando referente as grandes queimadas que ocorreram na Amazonia, Bolsonaro ainda citou que Macron tem uma mente colonialista, o que aumenta mais a rixa entre os políticos.

Embora muitos argumentem que as declarações de Bolsonaro são apenas palavras vazias e ameaças utilizadas para chamar a atenção ou desviar o foco dos assuntos importantes, é evidente que elas exercem influência significativa sobre as pessoas.

Como o líder de uma nação inteira, o presidente deve ser cauteloso com suas palavras, pois elas têm o poder de promover a paz ou o ódio, de construir ou destruir relações. Cabe ressaltar que no período pandêmico, tendo sido criado ódio em relação a China, o governo também demorou muito para decidir comprar as vacinas deste país, ação essa que colocaria em risco até mesmo a saúde dos

brasileiros. Algumas das informações que saíram nas redes sociais do Presidente no período de Pandemia foram reproduzidas no portal 360:

> 21.out.2020 – "Alerto que não compraremos vacina da China. Bem como meu governo não mantém diálogo com João Doria sobre covid-19". 22.out.2020 – "Nós não compraremos. Eu não acredito que ela transmita segurança suficiente para a população" ....

Além da falta de diplomacia ao indiretamente incitar que a China era responsável pelo vírus e que fazia isso para ganho financeiro próprio, o presidente ainda cortar relações de compra da vacina com a mesma. Muito embora em rede social ele seja apoiado, isso não quer dizer que a atitude tenha sido feita com diplomacia, muito pelo contrário, segundo revista Folha (2021) a ação foi de certa forma uma infantilidade do presidente frente a um problema de saúde sério.

Em sentido de diplomacia digital o ideal é um plano de comunicação, pois, uma palavra escrita de forma incorreta pode ocasionar rompimento das relações internacionais e enfraquecimento de um país. Mesmo havendo tido muitas críticas no tocante ao uso midiático de redes sociais pelo ex-presidente, após sua não eleição em último pleito eleitoral no Brasil, ele continua seguindo a mesma linha, se a postagem tem repercussão entre seus seguidores, ela é mantida, ainda que possa ocasionar dificuldades nos relacionamentos diplomáticos.

Analisando o exemplo das controvérsias com a China, constata-se, portanto, que não houve diplomacia digital e que as redes sociais do presidente eram apenas sua opinião pessoal se disseminando, independentemente de sua ocupação no cargo de presidente e representante da nação brasileira. Além da falta de diplomacia, o presidente também dava a compreender que estava buscando seu lado no tocante a política de internacionalização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo ficou claro que Diplomacia é a prática de conduzir negociações entre representantes de grupos ou estados. Ela envolve a arte de lidar com pessoas de maneira sensível e tática para promover interesses, resolver conflitos ou manter relações amigáveis. A diplomacia é frequentemente usada para referir-se a relações internacionais, onde embaixadores e outros representantes oficiais de um país ou organização trabalham para negociar acordos, formar alianças, discutir tratados e resolver disputas.

Foi compreendido ainda que a diplomacia digital refere-se ao uso de tecnologias da informação e comunicação, especialmente a internet e as plataformas de mídia social, pelos governos e atores diplomáticos para alcançar seus objetivos de política externa. Este conceito emergiu no início do século XXI, em resposta à crescente importância da internet na comunicação global e nas relações internacionais.

Os principais componentes da diplomacia digital incluem a comunicação e a promoção da imagem de um país, a gestão de crises, a coleta de informações e a influência sobre opiniões e decisões em um ambiente internacional. Ela permite aos diplomatas alcançar um público mais amplo e diversificado, engajar-se diretamente com cidadãos estrangeiros e influenciar a opinião pública e a tomada de decisões em outros países.

O que pode ser observado no governo Bolsonaro foi a utilização de redes sociais para mostrar seu posicionamento em favor de uma política externa com os Estados Unidos, mas, conforme estudado no último capítulo, o uso de plataformas digitais pelo então presidente não era feito de forma planejada, com finalidade de um executivo, mas, muitas vezes expressando sua opinião social, como um cidadão comum. Embora tenha atingido o propósito de seus seguidores, não cumpriu com propósitos diplomáticos, uma vez que expunha o Brasil de forma desnecessária e não raro com falta de ética.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOIRA, Elena Borau; García, Francisco García; Gómez, Alfredo Rodríguez (2013) **"La diplomacia del presente: universo 2.0 al alcance de la mano**" Revista Comunicación y Hombre. Nº9, 75 – 8

CASTILHO M. S. **Palanque digital: as redes sociais como política de comunicação no governo Bolsonaro.** Disponível em file:///C:/Users/Lenovo/Downloads/marcosnicolau-10palanquedigital-redesocial-bolsonaro.pdf. Acesso em novembro de 2023.

FIORI, José Luís. **A lenta construção de um "Estado Vassalo". Outras Palavras**. 30 set. 2020, 2020a. Disponível em: https://outraspalavras.net/direita-assanhada/a-lenta-construcao-de-um-estado-vassalo. Acesso em outubro de 2023.

GOÉS E. K. **A diplomacia digital e seu uso pelo Ministério das relações exteriores.** Disponível em https://www.encontro2017.abri.org.br/resources/anais/8/1498489143_ARQUIVO_ArtigoABRI2017-DiplomaciaDigital-EduardoKraemerGoes.pdf. Acesso em setembro de 2023.

HOLMES, Marcus. **Digital diplomacy and international change management**. In: BJOLA, Corneliu; HOLMES, Marcus. (Org.). Digital Diplomacy. Routledge, 2015.

KARNS, Margaret P; MINGST, Karen A. **International Organizations and Diplomacy.** In: COOPER, HEINE, THAKUR (2013).

LIMA K. L. L FERREIRA E. L. SILVA P. A. **A política externa no governo Bolsonaro: autonomia ou alinhamento aos EUA?** Disponível em https://revistas.uece.br/index.php/CadernosdoGPOSSHE/article/view/10222/8629. Acesso em outubro de 2023.

MARIZ, Ketheryne. **Twitter se torna o novo porta voz utilizado pelos políticos** Correio Brasiliense, 2018.

NEVES, Fernando d'Oliveira (2014) "**Diplomacia – Inovar a Velha Rede Social**" Revista UNO La Nueva Diplomacia. Nº17, 25-26.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics. New York: Public Affairs**, 2004.

NYE, Joseph S. **O Paradoxo do Poder Americano: por que a única superpotência do mundo não pode prosseguir isolada**. Tradução Luiz Antônio Oliveira de Araújo. São Paulo: UNESP, 2002a.

Por que ataques de Bolsonaro à China não prejudicaram comércio com o Brasil. Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-58099335. Acesso em novembro de 2023.

Relembre declarações de Bolsonaro. Disponível em https://www.poder360.com.br/governo/relembre-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-a-vacinacao/. Acesso em novembro de 2023.

ROLO, Pedrosa A. L. **Teoria e prática da diplomacia digital : a comunicação político-diplomática nas redes sociais e o caso de Portugal**. Repositório cientifico da UC, 2016.

RODRIGUEZ, Gabriela. **A política externa brasileira -Subordinada, ideologizada e misógina. In: FRIEDRICH-EBERT-STIFTUNG. Ordem global e regional**. nov. 2020. Disponível em: http://www.rebrip.org.br/publicacoes/a-politica-externa-brasileira-subordinada-ideologizada-e-misogina-ddbb. Acesso em outubro de 2023.

RODRIGUES, Gilberto Marcos Antonio et al. **Desconstrução dos direitos humanos na política externa brasileira.** In: MARINGONI, Gilberto; SCHUTTE, Giorgio Romano; BERRINGER, Tatiana. (org.). As bases da política externa bolsonarista: relações internacionais em um mundo em transformação.

Santo André, SP: EdUFABC, 2021.SANTANDER. **Conheça os 5 países que mais importam do Brasil.** Disponível em: https://santandernegocioseempresas.com.br/conhecimento/empreendedorismo/paises-que-mais-importam-do-brasil. Acesso em outubro de 2023.

SÁNCHEZ, J. L. M. (2014). **Taxonomía de la diplomacia digital en la agenda de las nuevas relaciones internacionales. Historia y Comunicación Social**, 19, 341-354.

SARAIVA M. ALBUQUERQUE F. L. WATSON, Adam. **A evolução da sociedade internacional:** Uma análise histórica comparativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004, 476 p. ISBN: 85-230-0634-6. Disponível em https://cebri-revista.emnuvens.com.br/revista/article/view/10/26. Acesso em novembro de 2023.

SOUZA A. **Eleição de Jair Bolsonaro no ano de 2018: uma análise crítica.** UFMG, 2018.

SOUZA I. J. BEM ANTES DA ELEIÇÃO: **Uma análise da campanha permanente promovida por Bolsonaro durante a 55ª legislatura** (2015-2018). Disponível em http://ctpol.unb.br/compolitica2019/GT6/gt6_Sousa.pdf. Acesso em outubro de 2023.

WATSON, Adam. **A evolução da sociedade internacional:** Uma análise histórica comparativa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004, 476 p. ISBN: 85-230-0634-6